

O FUTURO DO PASSADO / CONDICIONAL – ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DIACRÓNICO

Maria Teresa Brocardo¹

Introdução

O trabalho que aqui se propõe tem como objetivo geral contribuir para uma caracterização dos valores expressos pelo futuro do passado / condicional (doravante COND²) em fases passadas do português, esperando fornecer alguns elementos relevantes para o estudo diacrónico deste paradigma verbal.

Começam por se sintetizar alguns dados relativos à emergência do COND no contexto geral da formação das línguas românicas (secção 1) e descrever brevemente o seu funcionamento na língua contemporânea (secção 2). Na secção central do trabalho (secção 3) apresentam-se e descrevem-se ocorrências do COND com recurso a dados recolhidos em textos dos séculos XIII a XV (v., no final do texto, as referências das fontes textuais usadas). Concentrar-me-ei aqui na descrição dos diferentes contextos e valores do COND, dando atenção também à complementaridade / competição de formas observável em fases anteriores da língua. Sobre este último aspeto pretendo incluir no meu estudo dados que contribuam para esclarecer a relação / contraste entre o COND e o pretérito mais-que-perfeito simples (MPS, secção 4), que, como descrito na literatura, podia em fases antigas do português assumir também, em certos contextos, um valor modal. Na verdade, em algumas descrições do português contemporâneo são referidos usos do MPS que os autores, explícita ou implicitamente, caracterizam como não temporais, em expressões fixas de valor exclamativo, por exemplo (cf., e. o., Oliveira 2013: 525), ou em certo tipo de registos ‘literários’ (cf., e. o., Cunha & Cintra 1984: 456), em que este paradigma ocorre ‘em vez de’ COND ou imperfeito do conjuntivo (IMPERF CONJ). Assumindo que tais usos atestam a preservação marginal de

¹ Professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. mt.brocardo@fctsh.unl.pt.

² Os paradigmas verbais (e esta é designação geral que uso de modo a evitar etiquetas como ‘tempos’ ou ‘modos’, que remetem para uma caracterização associada a valores que pode em certos casos não ser adequada) são indicados por abreviaturas em maiúsculas, a partir das designações usuais na tradição gramatical luso-brasileira. São usadas as seguintes: COND (futuro do passado ou do pretérito / condicional); CONJ (conjuntivo); FUT (futuro do indicativo); IMPERF (pretérito imperfeito); INF (infinitivo); MPS (mais-que-perfeito simples); PRES (presente).

usos antigos, pretendo procurar esclarecer como se relacionam, na diacronia, as duas formas, à partida temporalmente localizadoras, de passado ou futuro, em relação a um passado.

1. A emergência do COND (breve perspectiva)

Numa perspectiva diacrónica, e no contexto geral de formação das línguas românicas, a emergência do COND é geralmente apontada como tendo decorrido da evolução de perífrases com o verbo latino *habere* (“ter, possuir”) com base no modelo que originou o futuro (do presente). Assim, por exemplo, a partir de *amare habet* [*amar_INF haver_PRES*] > *amará*, a correspondente perífrase, no passado, *cantare habebat* [*amar_INF haver_IMPERF*] passou a ser usada como um futuro do passado no discurso indireto (*amaria*).

A relação entre o desenvolvimento dos novos futuro do presente (FUT) e do passado (COND) é, no entanto, objeto de discussão na literatura, com posições divergentes de vários autores, como é referido em, por exemplo, Parkinson (2009: 39). Poderiam em princípio considerar-se três hipóteses: FUT e COND emergiram independentemente; o FUT serviu de modelo ao COND (que corresponde à alternativa que mais comumente se encontra na bibliografia geral de linguística românica); o COND serviu de modelo ao FUT. Mas em estudos desenvolvidos numa perspectiva geral românica aparece também a posição de que teria havido na emergência dos dois paradigmas uma combinação de motivações independentes e dependentes, como é sugerido, por exemplo, por Klausenburger (2000: 69-70). Não me deterei aqui nesta discussão, limitando-me antes a lembrar que, originalmente, uma relação anafórica de posterioridade no passado era em latim expressa por uma perífrase com participio futuro + IMPERF de *esse* “ser” (*amaturus erat*), portanto por uma construção paralela também à do futuro do presente (*amaturus est*), perífrase que aparece como alternativa ao futuro imperfeito latino (*amabit*), que, como é sabido, não teve continuidade nas línguas românicas. A coincidência no uso de perífrases para a expressão deste tipo de valores leva até Salvi (2011: 331) a citar a emergência dos novos paradigmas verbais (FUT e COND), a partir de construções perifrásticas, como uma instância de *persistência* morfossintática. São várias as explicações apresentadas por diferentes autores para a definitiva substituição das perífrases com participio futuro + *esse* pelas perífrases com *habere* que evoluíram depois para os paradigmas românicos FUT e COND (cf., por exemplo, Parkinson 2009: 40-41). Quanto ao desenvolvimento modal do COND, refira-se aqui apenas que a possibilidade de a perífrase que esteve na sua origem passar a exprimir também valores

modais terá decorrido do seu uso em construções condicionais, na apódose, no discurso indireto, substituindo usos do conjuntivo latino.

Numa visão geral da evolução / transição do sistema verbal latino para os sistemas românicos, é geralmente sublinhado, sobretudo como contraponto à perda de vários paradigmas latinos que não tiveram continuidade nas línguas românicas (como, entre outros, o já referido futuro imperfeito), o caráter manifestamente inovador do COND, como, por exemplo, na formulação de Alkire & Rosen (2010: 168): «Latin had no single grammatical category corresponding to what was to become the Romance conditional mood.».

2. O COND em português contemporâneo e num enquadramento geral românico

Assume-se geralmente que o COND nas línguas românicas tem duas funções ‘canónicas’, de um ‘futuro do passado’ e de um ‘condicional’, ou seja, neste último caso ocorre na expressão de situações sujeitas a uma condição, sendo esta passível de ser interpretada, em função de diferentes contextos sintático-semânticos, como ‘possível’ ou ‘contrafactual’. Mas o COND marca ainda vários outros valores nas línguas românicas atuais, muito genericamente caracterizáveis como ‘atenuativos’, registando-se neste caso uma assinalável variação interlinguística, apesar de se observarem também algumas tendências comuns (Parkinson 2009: 54, e. o.).

Concentrando-nos aqui sobretudo nos dois primeiros valores canónicos referidos, o COND em português (europeu) contemporâneo manifesta, como nas restantes áreas da România, um valor temporal (futuro do passado) e um valor ‘não temporal’³. Nas construções condicionais, a alternativa entre interpretação contrafactual e interpretação de possibilidade de ocorrência da situação depende da caracterização aspetual do predicado da oração condicional. Segundo Oliveira (2013: 527), com predicados estativos é gerada uma interpretação contrafactual (*Se a Ana fosse simpática, eu convidá-la-ia para a festa*), enquanto com predicados eventivos a interpretação desencadeada é a de possibilidade de que que «a situação venha a correr» (*Se a Ana acabasse o relatório, eu (ainda) a convidaria para jantar fora*). Na língua atual, como é sabido, o COND é comutável com IMPERF, exceto na marcação de valor epistémico de ‘não certo’, em exemplos como *Quando o conheci, o J. teria /* tinha 20 anos*, em que o IMPERF, ao contrário do COND, não marca nunca esse tipo de valor (Oliveira 2013: 527).

³ Na formulação de Oliveira (2003: 158): «Este tempo comporta-se como tal desde que o ponto de perspectiva temporal seja passado. Se esse ponto for futuro, então adquire um valor modal.»

Quando observamos em paralelo a relação anafórica de posterioridade no presente / passado, em ‘contextos de conjuntivo’ (Salvi 2011: 331), ou seja, em alternativas entre FUT / PRES do CONJ e COND / IMPERF do CONJ, notamos restrições aparentemente decorrentes de diferenças modais. Assim, com epistémicos do tipo *achar, pensar*, são o FUT e COND que ocorrem, mas se na frase superior tivermos verbos com traços de volição, como *esperar, querer*, são as formas de conjuntivo que ocorrem, como se pode observar contrastando os exemplos i e ii com iii e iv⁴:

- i. *Acho (penso) que ele virá (?venha).*
- ii. *Achei / achava (pensei/pensava) / que ele viria (?viesse).*
- iii. *Espero (quero) que me convidem (?convidarão).*
- iv. *Esperava (queria) que me convidassem (?convidariam).*

3. O COND em textos portugueses dos séculos XIII-XV

Tendo em vista delinear uma descrição do funcionamento do COND em fases antigas da história da língua portuguesa, apresentarei nesta secção dados recolhidos em fontes textuais com datas entre os séculos XIII a XV, pretendendo, no futuro, completar este tipo de estudo com o alargamento, quer em termos quantitativos absolutos, quer em termos de âmbito cronológico, dos textos a explorar. Os textos que analisei são representativos de diferentes géneros (incluindo, numa tipologia muito ampla, textos não literários e literários), mas devo desde já ressaltar que não pretendo nesta fase apresentar dados quantificados relativos a frequência de ocorrência, sendo as poucas notas sobre este aspeto que ocorrem no meu texto de carácter meramente indicativo. De resto, como já procurei explicar noutros trabalhos (por exemplo, Brocardo 2012 e 2014a), uma análise (estritamente) quantitativa carecerá de relevância no tipo estudo que se pretende desenvolver, e que se centra antes numa observação mais próxima e atenta das formas (e construções) linguísticas e na interpretação dos seus valores em diferentes contextos sintático-semânticos. Além disso, as próprias características da documentação remanescente, com grandes desigualdades em termos de representatividade quantitativa e qualitativa em diferentes sincronias, necessariamente enviesariam também conclusões que pretendessem basear-se em dados absolutos ou relativos de frequência.

⁴ A ocorrência em contextos negativos desencadeia sempre, como é sabido, usos de conjuntivo. Veja-se a este propósito também Salvi (2011: 3319), cuja análise dos dados do português, porém, é diferente da que aqui apresento.

Os exemplos que se apresentam nas subseções seguintes representam apenas exemplos considerados ilustrativos, correspondendo, naturalmente, apenas a uma parte da totalidade das ocorrências analisadas. Estas foram recolhidas a partir de corpora ou diretamente das edições respetivas, que são referenciadas no fim do texto.

3.1. COND em frases completivas

As formas de COND que ocorrem nas fontes estudadas correspondem em parte das ocorrências a um funcionamento definível como correlato do futuro no discurso indireto, assumindo portanto um valor à partida temporal. O verbo declarativo da frase superior está tipicamente no pretérito perfeito simples (PPS) ou no IMPERF. Vejam-se os exemplos, em que as formas de COND estão em negrito, tendo sido também sublinhadas nesta subsecção as formas de verbos que ocorrem na frase superior de que depende a frase em que o COND ocorre.

1. mais dise *que* el laurara éesse. erdamêto. *per* mādado do laurador. *e que* o semeara *e que* o pan *que* o tīj' nha. na eyra éesse. erdamêto *e que* o **mādarya** ali phar [DPs séc. XIII]
2. A *qual* carta mostrada *e per* mj~ dito Taballiom leuda o dito vigayro dise *que* tambien ao dito Priol come a outro *qualquer que* perante el parecesse *que* lhjs **faria** todo cõprimêto de deryto [DPs séc. XIV]
3. mādou dizer ali albofaçem *que* (...). E *que* el fezese sa lide cõ os *que* yã pela riba do mar ca el ã pequena ora **uêceria** *aqueles* cristaaos *e seeriã* logo cõ el a ferir na çaga *daqueles que* cõ el lidasem [LLC finais do séc. XIV]
4. E, como quer que Nosso Senhor Deus dise ao povo com que antigamente fallava, como lhe emcomêdava allgũa cousa, o premio que por ello **averiã**, eu não quero a vos dezer quaes seram vossos gallardões [ZPM finais do séc. XV]

Assinalei um caso de alternância com IMPERF, que é neste contexto possível apenas, aparentemente, porque marca a construção *haber de* + INF, construção a que está inerentemente associado um valor temporal posterioridade⁵:

5. O priol foi desto muy coitado polo *que* el disera a el Rey dõ afomso *que por* a bem auêturada *sãta uera cruz* **auia** de uêcer *primero* [LLC finais do séc. XIV]

Outras ocorrências correspondem a um formato sintático semelhante, ou seja, trata-se também de completivas, nestes exemplos dependentes de frases com verbos caracterizáveis

⁵ Sobre a marcação de valores de posterioridade, a que se associam também valores modais, cf., por exemplo, Brocardo (2013), e especificamente sobre *haber de* + MPS, cf. Brocardo (2104a). Sobre a alternância COND / IMPERF, v. o que brevemente refiro na nota 9.

como modais epistémicos, nas construções *ter* (“achar, considerar”) *que* e *parecer* + pronome dativo *que*:

6. *e bẽ tijnha que aqueles **acabariã** a lide a grã presa* [LLC finais do séc. XIV]

7. *e a outra porque ela era rica dona e tijnha que a **profacariã** de casar cõ Marti fernãdez como *quer que* ele fosse de boõ sangi* [LLC finais do séc. XIV]

8. *Mais ho cõde teve que **seria** vergonhosa cousa tornarẽ assy como gemte menos ousada do que elle queria que dos comtrarios fosse semtyda* [ZPM finais do séc. XV]

9. *Ouverãõ os mouros emtãõ acordo de se terem de rrosto com hos nossos, rretraemdo-se, porẽ, porque lhe pareçia que ho perigo **seria** menos.* [ZPM finais do séc. XV]

3.2. COND em construções condicionais

Nos textos analisados, assinalei também muitas ocorrências de COND na apódose de construções condicionais⁶, com IMPERF do CONJ na prótase (que se sublinha nos exemplos seguintes):

10. *E pera totalas outras. cousas. e cada. hũa delas. fazer que uerdadeyro e lój demo. procurador pode e deue fazer e que nos. fazer **poderyamos** se per nossas. pessoas. presentes. fossemos.* [DPs séc. XIII]

11. *E se alguu se querellar a torto do alcayde ena razõ aya a pea subredita que o alcayde **aueria** se iuygasse torto.* [FR finais do séc. XIII]

12. *E pera dizer e fazer totalas cousas e cada hũa delas que uerdadeiro e lijdimho procurador pode dizer e fazer e que eu **diría** e **faría** se per mha pessoa presente fosse* [DPs séc. XIV]

O COND ocorre também em outras construções de interpretação condicional, como acontece nos exemplos seguintes, com frases subordinadas gerundivas:

13. *Essa **seria** - disse aquelle comde - [hũa] das mayores merçees que me *Deus e ell rrey*, meu senhor, podiã fazer, sendo eu em tall hydade pera o soportar* [ZPM finais do séc. XV]

14. *vimdo aqui outras gemtes de fora, **achariam** em estes mantimemto e esforço, que **seria** azo de estar mais tempo e nos darem mais trabalho* [ZPM finais do séc. XV]

Assinalei também uma ocorrência de IMPERF no mesmo tipo de construção sintática, mas veja-se que a possibilidade de este tipo de alternância entre COND / IMPERF poderá decorrer do facto de se tratar de uma construção com o modal *poder*:

⁶ A expressão ‘construção condicional’ refere a frase complexa, que inclui a subordinada condicional (tradicionalmente designada prótase) e a frase superior (apódose). Para uma caracterização geral das construções condicionais em português, v. Peres, Mória e Marques (1999).

15. ca çerto he que, nã achamdo elles aquy estes outros *e* a terra sendo despovorada, que nã **podiam** trazer per esta serra senã pouca cousa [ZPM finais do séc. XV]

O COND ocorre ainda nas fontes analisadas em outros contextos de interpretação condicional, com diferentes formatos sintáticos, nomeadamente sem prótase expressa, contextos portanto em que a condição está implícita:

16. Por *que* uos eu mãdo *e* defêdo como Meyrio del Rey *que* uos nã pousedes. nã comades. nã demãdêêdes /?/ rã na dita eygreia. ã outra maneyra **faria** *contra* uos. como *contra* aqueles *que* britã defensa [DPs séc. XIII]

17. E porque nos auemos uontade de guardar as ordijs de perda e d' engano que **poderia** acaeçer, defendemos *que* [FR finais do séc. XIII]

18. Qual diabo dos ymfernos pode fartar tamtos lobos que comẽ viamda que **fartaria** dez tanta gemte de nossa companhia? [ZPM finais do séc. XV]

Assinalei ainda um caso de aparente alternância com o IMPERF neste tipo de contextos, embora a o exemplo seguinte seja de interpretação algo ambígua:

19. E porende sen a pã *que* lhy **daria** Deus ãeste mundo e eno outro, **mereçia** ainda demais de todolos cristãos [PP séc. XIV]

3.3. COND em construções com *poder*

O COND ocorre em muitos casos com o modal *poder*. Trata-se de usos que aparentemente correspondem a processos de ênfase cuja ativação interpretativa decorre da inter-relação de valores modais inerentes ao próprio verbo e da sua ocorrência em contextos negativos ou interrogativos, como se pode observar nos seguintes exemplos:

20. ca por estas palauras se acabã todos os feytos de Deus ã totalas maneyras *que* o homẽ nã **poderia** pẽssar nã dizer. [PP séc. XIV]

21. Ca ã esto se entendẽ tres cousas muy nobres e muy marauilhosas *que* sse nã **poderiã** dar *per* outro ssenhor nãnos **poderia** auer outro uassalo de ssenhor ssenõ de Deus. [PP séc. XIV]

22. Quẽ **poderia** cõtar *quanto* mal sofrerõ *e* ouuerõ *aquela* ora cristãaos. [LLC finais do séc. XIV]

O mesmo tipo de efeito interpretativo, marcando ênfase (genericamente), ocorre também com *poder* em construções consecutivas:

23. Ali foy a lide tã grande antre eles *que* todo home *que* os uise caualeiros castellaaos bem **poderia** dizer *que* melhores caualeiros nã auia no mũdo [LLC finais do séc. XIV]

24. Dise el. senhor si *porque* eu ui cousas estranhas e tã marauilhosas *que* por homees nã se **poderia** pensar. [LLC finais do séc. XIV]

3.4. COND com valor epistémico de ‘não certo’

Nos textos estudados, o COND ocorre já associado à marcação de um valor epistémico caracterizável como ‘não certo’. Este tipo de funcionamento assinala-se tipicamente em casos em que se exprime uma quantificação, que portanto é apresentada como aproximada, como nos exemplos:

25. El fezeo asi foise aalem mar e jũtou Cento e xx mil caualeiros e grãde auer *que* poserõ **que seeria** viij^c e L. camelos caregados d’ouro. [LLC finais do séc. XIV]

26. e a gemte que hera ordenada pera hir a Tamger começou de passar a Çepta, e desy outra (...) emtanto que **seriã** jaa com hũs e com outros passamte de quinhentos de cavallo na çidade [ZPM finais do séc. XV]

Com este tipo de funcionamento, ou seja induzindo uma interpretação de não certeza, em que o enunciador marca a sua não totalmente assumida validação da situação expressa, além de casos como os dos exemplos acima, registam-se também ocorrências de COND em que o enunciador assume como provável, mas não certa, uma dada asserção relativa ao destinatário, tipicamente sobre o conhecimento prévio deste sobre o que asser. Veja-se que no exemplo abaixo o valor de ‘não certo’ é reforçado pela coocorrência do adverbial *perventura*:

27. Soomemte vos amoesto e rrequieiro que todos vossos feitos sempre sejam com todo bõ rregimento (...) e ho contrario dana muito e empeçe, caa ja **ouviriaes**, ou perventura **verieis**, muy grandes esperemçias de semelhantes feitos [ZPM finais do séc. XV]

Com o mesmo tipo de valor de ‘não certo’ ocorre também o COND composto, com um predicado eventivo, em contraste com exemplos como 25 (com um estativo):

28. E des que emtemdeo que **teriam passado** o mao caminho [ZPM finais do séc. XV]

4. COND e MPS – dois paradigmas em competição

Se o COND, como já foi mencionado, se caracteriza à partida pela expressão de um valor de posterioridade em relação a um tempo passado, o MPS, neste caso não uma inovação românica mas, pelo contrário, correspondendo a um caso de persistência de um paradigma

latino⁷, marca, em termos temporais, uma relação anafórica de anterioridade, também em relação a um passado. Este tipo de funcionamento atesta-se largamente em fontes textuais do âmbito cronológico aqui considerado, apresentando-se aqui apenas um dos numerosos exemplos recolhidos nas fontes textuais:

29. *e matou el cõde dõ meẽ soarez porque **cegara** el cõde dõ pero paaez da begũte cuio uasalo soeyro da uelha era.* [LLC finais do séc.XIV]

Mas, em parte das ocorrências de MPS, marca-se uma situação ‘não atualizada’, de que decorre uma leitura modal (cf., e. o., Brocardo 2012, 2014a). A emergência deste tipo de funcionamento é referido por Maiden (2011: 179) nos seguintes termos: «The Latin pluperfect indicative (...) could also function as a kind of past conditional, and its appearance in conditional sentences may have favored its later development in some Romance varieties as a conditional or subjunctive.».

Como exemplificação, veja-se a seguinte ocorrência, em que a situação “ser grande mortandade nos infieis” (ou seja “morrerem muitos...”) não se verifica:

30. *e **fora** aquelle dia muy gramde mortymdade nos ymfiees, se ho lugar nom fora tam aspero e momtanhoso* [ZPM finais do séc. XV]

Note-se que a leitura de ‘não atualização’ decorre claramente da ocorrência do MPS numa construção condicional, na apódose, sendo neste caso também o MPS que ocorre na prótase, em contexto de negação, que corresponderia a IMPERF do CONJ na língua atual.

Além deste tipo de contextos, o MPS ocorre com valor modal também quando é marcado em verbos de valor inerentemente modal, *poder* e *dever*, como nos casos seguintes:

31. *eu a esta morte nõ poso escapar por a nobre caualaria que perdi que eu aporei antre as gêtes d’africa e d’asya. e me tu prendiste ẽ tẽpo que a jnda eu **podera** uĩ gar e cobrar mea onra* [LLC finais do séc. XIV]

32. *E esta doaçõ lhy faço por muyto bẽ **que** ouuj desse Moesteiro e por dizimas **que** hy nõ paguej cõpridamẽte como **deuera**.* [DPs séc. XIV]

33. *nẽ o bõo d’Affomso Garçia nõ ficou sem parte daquella devisa, caa açaz de feridas ouve por seu corpo, e taes per que com rrezão se **devera** fazer a fora, mas elle, porẽ, nunca perdeo sembrante de bõo capitão, ante foy avante damdo esforço aos seus* [ZPM finais do séc. XV]

⁷ O MPS latino teve continuidade, no âmbito românico, apenas em português e espanhol, constituindo portanto esta continuidade um traço geralmente assinalado como particularmente conservador. Nas duas línguas podia marcar, em fases antigas, valores temporais e modais, sendo o seu desenvolvimento subsequente divergente em português e espanhol (cf., e. o., Becker 2008 e Brocardo 2012).

Registei mesmo um caso em que o modal *poder*, no COND, e o modal *dever*, no MPS, ocorrem em alternativa na sequência:

34. Mays se sse nã guardasse quanto **poderia** ou **deuera** e ffezer dano ssegundo o *que* de suso dito he, nã pode vsar das ordêes *que* auya quando fez o omezio [PP séc. XIV]

Um outro tipo de contexto que aparentemente desencadeia também uma interpretação modal do MPS é a interrogação:

35. Dise el Rei. como sabes tu que eu **recebera** morte [LLC finais do séc. XIV]

Sintetizando agora o que até aqui foi observado, temos à partida dois paradigmas que, temporalmente, marcam posterioridade – o COND – e anterioridade – o MPS – em relação a um tempo de referência passado. Em fases antigas do português ambos podiam marcar valores genericamente caracterizáveis como modais. De forma simplificada, neste tipo de ocorrências é desencadeada uma interpretação em que a situação expressa não é atualizada, ou é perspectivada como podendo não ser atualizada. Os fatores sintático-semânticos que ativam este tipo de interpretação são, em ambos casos, a ocorrência na apódose de construções condicionais, de diferentes formatos sintáticos, bem como contextos de negação e interrogação, a que se junta ainda um fator muito presente nas ocorrências analisadas, que pode concorrer com os antes referidos, e que é a marcação em verbos de valor inerentemente modal, em particular *poder*, mas também *dever* no caso do MPS. Não tendo, como expliquei antes, levado a cabo uma abordagem quantitativa estrita, parece ainda assim notória uma clara predominância do COND sobre o MPS na marcação de valores modais, mas em qualquer caso não atribuo para já grande relevância a este dado. Note-se que, a confirmar-se, esta predominância poderia apontar para um processo já em curso de perda dos valores modais do MPS, processo que viria posteriormente a consumir-se na história do português, ao contrário do que ocorreu em espanhol, como já referido, em que foram justamente esses valores modais que persistiram e em que em contrapartida se perdeu o valor temporal deste paradigma.

Notando agora os aspetos em que divergem o COND e o MPS, comece por referir-se que o valor epistémico de ‘não certo’, exprimindo aproximação em quantificações (exemplos 25, 26) ou probabilidade, mas não certeza, em diferentes tipos de asserção (27, 28), é exclusivo do COND.

Quanto ao MPS, note-se que apenas este e não, obviamente, o COND pode também ocorrer na prótase de construções condicionais (v. exemplo 30). Este paradigma virá a perder, portanto, na diacronia da língua, a possibilidade de ocorrência em dois contextos sintaticamente distintos, a apódose e a prótase das condicionais, que serão assumidos por dois paradigmas também distintos, o COND e o IMPERF do CONJ, respetivamente. Como referi já na secção 1, nas descrições do funcionamento de tempos e modos em português contemporâneo são por vezes mencionados usos «literários», em que se assinala o emprego do MPS «em lugar do futuro do pretérito» (Cunha & Cintra 1984: 456). Tais usos certamente atestarão a preservação, que é apenas marginal e residual, de usos antigos, como os que se exemplificaram em 30. Note-se porém que nesses casos se deveria mais propriamente referir um ‘condicional’, e não um ‘futuro do pretérito’, visto que o que se refere nestes casos são usos modais e não temporais do MPS, e, como referido em 2, o COND assume em português contemporâneo usos temporais, para os quais remete a designação ‘futuro do passado’ ou ‘futuro do pretérito’, mas também modais, afigurando-se neste caso que a designação mais adequada seria a de ‘condicional’. De notar também que, dependendo da tipologia aspetual dos predicados, na língua contemporânea ocorre, na apódose das condicionais, COND simples ou COND composto, enquanto em ambos os casos podia, em fases passadas, ocorrer MPS.

5. Notas finais e perguntas por / para responder

Nesta breve perspetiva sobre o funcionamento do COND em fases antigas da língua portuguesa, e note-se que aqui apenas analisei dados dos períodos antigo e médio⁸, procurei aferir dados que possam contribuir para um estudo diacrónico mais aprofundado e completo do COND em português. Assumindo que a ‘história’ de uma dada forma ou construção, numa dada língua, não pode deixar de ter em consideração outras formas ou construções que com ela de algum modo se relacionam, e em particular as que com ela competem na expressão dos mesmos valores ou de valores próximos, incluí nesta breve perspetiva também algumas notas sobre o MPS, mostrando convergências e divergências nos usos destes dois paradigmas, no âmbito cronológico considerado neste trabalho. Mas muitos aspetos ficam ainda por esclarecer, e muitos outros dados terão de ser ainda aduzidos para o pretendido estudo alargado e aprofundado do COND e do MPS (modal), que com ele se relaciona diacronicamente. Um dos aspetos a explorar será, naturalmente, o das relações destes

⁸ Isto de acordo com o tipo de periodização que tenho adotado nos meus trabalhos (cf., por exemplo, Brocardo 2014b), seguindo outros autores (cf., por exemplo, as referências em Castro 2006)

paradigmas com formas de CONJ. Mas procurando centrar-me nestas notas finais mais especificamente no paradigma que é o principal objeto deste estudo, limitar-me-ei a referir em seguida algumas perguntas por / para responder, e que pretendo abordar em investigações futuras.

A forte competição que se observa na língua atual entre o COND e o IMPERF merece ser explorada também diacronicamente, para que melhor se possa compreender, no caso do português, quando e decorrendo de que tipo de fatores emerge esse tipo de usos em que o IMPERF assume (também) valores modais à partida associados ao COND⁹.

Na língua atual, o COND assume, como referido em 2, outros valores de, muito simplificadamente, ‘não certo’ (e recorde-se o que nesse ponto foi referido sobre a (não) possibilidade de alternância com o IMPERF). Alguns desses tipos de valores, como mostrei em 3.4., assinalam-se já nos textos dos períodos antigo e médio, em certos contextos. Há aqui, portanto, aparentemente, uma tendência de gramaticalização precoce. Muitos aspetos haverá, porém, ainda a explorar para que se possa compreender melhor como, em diacronia, estes valores emergem, como se relacionam com outros valores do COND e como se expandem a usos que não assinalámos no âmbito cronológico estudado, considerando aqui, muito simplificadamente, diferentes tipos de valores ‘atenuativos’ (como os chamados COND ‘de delicadeza’ ou o COND ‘evidencial’, por exemplo¹⁰).

Fontes dos exemplos

[DPs] Martins, Ana Maria (2001) *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: IN-CM

[FR] Ferreira, José de Azevedo (1987) *Afonso X. Foro Real. Edição, estudo linguístico e glossário*, 2 vols. Lisboa: INIC.

[LLC] Brocardo, Maria Teresa (2006) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV)*. Lisboa: IN-CM

[PP] Ferreira, José de Azevedo (1980) *Alphonse X. “Primeyra Partida”. Edition et Etude*. Braga: INIC

[ZPM] Brocardo, Maria Teresa (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT.

CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval: <http://cipm.fcsh.unl.pt>

⁹ Na verdade assinalai alguns casos de IMP em contextos em que este aparentemente ‘substitui’ já o COND, mas o facto de apenas ter assinalado ainda poucas ocorrências e de serem também por vezes os exemplos levantados de interpretação ambígua levaram-me a que não os referisse aqui, sendo necessário fazer levantamentos mais sistemáticos do IMP para poder esboçar descrições devidamente sustentadas.

¹⁰ Como referências meramente exemplificativas, citem-se Dendale (2001 e outros trabalhos do autor) sobre o COND francês, e, sobre a relação entre modais deônticos e epistémicos e evidencialidade nas línguas românicas, Squartini (2004).

Referências

- Alkire, Ti & Carol Rosen (2010) *Romance Languages. A Historical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press
- Becker, Martin G. (2008) From temporal to modal: divergent fates of the Latin synthetic pluperfect in Spanish and Portuguese. In: U. Detges & R. Waltereit (eds.), *The Paradox of Grammatical Change. Perspectives from Romance*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 147-180
- Brocardo, M. Teresa (2012) O 'passado do passado' - alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português. *VERBA HISPANICA* 20. pp. 33 – 48
- Brocardo, M. Teresa (2013) Sobre o 'futuro' - formas e construções marcadoras de posterioridade em textos portugueses dos séculos XIII a XV. In Rosario Álvarez, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo e Maria Ana Ramos (eds.) *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 77-90
- Brocardo, M. Teresa (2014a) Gramática e texto em diacronia - *haver* (mais-que-perfeito simples) *de* + infinitivo em duas crônicas de Zurara. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 10, pp. 39-47
- Brocardo, M. Teresa (2014b) *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Colibri
- Castro, Ivo 2006 (2ª ed. rev. e aum.) *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri
- Cunha, Celso & L. F. Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa
- Dendale, Patrick (2001) Les problèmes linguistiques du conditionnel français. In P. Dendale & L. Tasmowski (eds.) *Le conditionnel en français*. Metz: Université de Metz, pp. 7-18
- Klausenburger, Jurgen (2000) *Grammaticalization. Studies in Latin and Romance morphosyntax*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins
- Maiden, Martin (2011) Morphological persistence. In M. Maiden, J.C. Smith & A. Ledgeway (eds.) *The Cambridge History of the Romance Languages*. Vol. I Structures. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 155-214
- Oliveira, Fátima (2003) Tempo e aspecto. In M. Helena Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 127-178
- Oliveira, Fátima (2013) Tempo verbal. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* *Gramática do Português*. Vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Parkinson, Jennie (2009) A diachronic study into the distributions of two Italo-Romance synthetic conditional forms. (PhD Thesis) pdf <https://research-repository.st-andrews.ac.uk>
- Peres, João, Telmo Mória e Rui Marques (1999) Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português. In Isabel H. Faria (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos / FLL, pp. 627-653
- Salvi, Giampaolo (2011) Morphosyntactic Persistence. In M. Maiden, J. C. Smith & A. Ledgeway (eds.) (2011) *The Cambridge History of the Romance Languages*. Vol. I Structures. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 318-380

Squartini, Mario (2004) Disentangling evidentiality and epistemic modality in Romance.
Lingua 11, pp. 863-895

DRAFT